

O BEST-SELLER MUNDIAL

# O TATUADOR de AUSCHWITZ

O livro  
que deu  
origem  
à série

HEATHER  
MORRIS

 Planeta

EXCERPTO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# O TATUADOR de AUSCHWITZ

 **HEATHER  
MORRIS**

*Tradução*

Carolina Caires Coelho e Petê Rissatti

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Heather Morris, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018, 2019, 2024

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Tattooist of Auschwitz*

Primeiramente publicado em inglês como *The Tattooist of Auschwitz* pela Echo Books, Sydney e Bonnier Zaffre, Londres.

*Preparação:* Barbara Parente

*Revisão:* Ana Lima Cecilio e Valquíria Della Pozza

*Diagramação:* Abreu's System

*Capa original:* A Synchronicity Films Production in association with Sky Studios. ©

Martin Miaka / Sky UK

*A adaptação de capa:* Renata Spolidoro

*Fotos página 225:* Heather Morris / Família Sokolov

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Morris, Heather

O tatuador de Auschwitz / Heather Morris ; tradução de Carolina Caires

Coelho, Petê Rissatti. – 4. ed - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

240 p.

ISBN 978-85-422-2695-9

Título original: *The Tattooist of Auschwitz*

I. Ficção inglesa 2. Auschwitz (campo de concentração) – Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção I. Título II. Coelho, Carolina Caires III. Rissatti, Petê

24-1453

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção inglesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

# 1

## ABRIL DE 1942

Lale sacoleja pelo interior do país, mantendo a cabeça erguida, solitário. O jovem de 24 anos não vê motivo para conhecer o homem ao seu lado, que às vezes cochila sobre seu ombro; Lale não o afasta. É apenas um entre os inúmeros jovens enfiados nos vagões feitos para transporte de gado. Sem ter ideia de para onde estavam sendo levados, Lale se vestiu com seu traje habitual: um terno bem passado, camisa branca limpa e gravata. *Sempre se vista para impressionar.*

Ele tenta avaliar as dimensões de seu confinamento. O vagão tem cerca de dois metros e meio de largura. Mas ele não consegue ver o fim para estimar seu comprimento. Tenta contar o número de homens que estão com ele naquela jornada. Mas, com tantas cabeças balançando para cima e para baixo, acaba desistindo. Não sabe quantos vagões são. As costas e as pernas doem. O rosto coça. A barba por fazer lembra-o de que não se banha ou barbeia desde que embarcara, dois dias antes. Estava se sentindo cada vez menos ele mesmo.

Quando os homens tentam entabular uma conversa, ele responde com palavras de incentivo, tentando transformar seu medo em esperança. *Estamos na merda, mas não vamos permitir que nos afoguemos nela.* Observações agressivas são murmuradas para ele por sua aparência e comportamento. Acusações de ter vindo de uma classe superior. “Veja só aonde isso levou você.” Ele tenta ignorar as palavras e enfrentar os olhares de raiva com sorrisos. *Quem estou tentando enganar? Estou com tanto medo quanto todo mundo.*

Um jovem fixa os olhos em Lale e abre caminho pelo amontoado de corpos, vindo em sua direção. Alguns homens o empurram enquanto ele passa. *É seu espaço apenas se você o conquistar.*

— Como pode ficar tão calmo? — pergunta o jovem. — Eles tinham fuzis. Os desgraçados apontaram fuzis para nós e nos forçaram a entrar neste... trem de gado.

Lale sorri para ele.

— Também não foi o que eu esperava.

— Aonde acha que estamos indo?

— Não importa. Lembre-se, estamos aqui para que nossa família permaneça em casa, em segurança.

— Mas e se...?

— Não diga “e se”. Eu não sei, você não sabe, nenhum de nós sabe. Vamos só fazer o que disseram.

— Não deveríamos tentar pegá-los quando pararmos, já que estamos em maior número? — O rosto pálido do jovem está retorcido com uma agressividade confusa. Ele cerra os punhos como um boxeador, de um jeito patético, na frente do corpo.

— Temos punhos, eles têm fuzis... quem você acha que vai ganhar essa briga?

O jovem volta a ficar calado. Seu ombro está encaixado no peito de Lale, que consegue sentir o cheiro oleoso de suor em seus cabelos. As mãos caem e ficam penduradas ao lado do corpo.

— Meu nome é Aron — diz ele.

— Lale.

Outros ao redor deles ficam atentos à conversa, erguendo a cabeça na direção dos dois antes de voltar às fantasias silenciosas, afundando-se nos próprios pensamentos. O que todos compartilham é o medo. E a juventude. E a religião. Lale tenta manter a mente longe das teorias sobre o que os espera adiante. Disseram para ele que seria levado para trabalhar para os alemães, e é isso o que planejava fazer. Pensa na família em casa. *Segura.* Ele fez o sacrifício, não se arrepende. Faria mais uma vez para manter a amada família em casa, unida.

A cada hora, parecia que as pessoas faziam as mesmas perguntas a ele. Esgotado, Lale começa a responder:

— Aguarde e veja.

Fica perplexo, imaginando por que essas perguntas lhe são feitas. Não tem nenhum conhecimento especial. Sim, está de terno e gravata, mas essa é a única diferença visível entre ele e o homem ao lado. *Estamos todos no mesmo barco imundo.*

No vagão lotado, eles não conseguem se sentar, muito menos deitar. Dois baldes servem de sanitários. Assim que enchem, começa uma luta entre os homens, que tentam se afastar do fedor. Os baldes tombam, esparramando seu conteúdo. Lale agarra-se a sua mala, esperando que, com o dinheiro e as roupas que tem, ele possa fazer compras para si no local para onde estão indo ou ao menos começar em um trabalho seguro. *Talvez haja trabalho em que eu possa usar meus idiomas.*

Ele sente que tem sorte por ter encontrado um jeito de ir para a lateral do vagão. Pequenos vãos nas tábuas oferecem vislumbres da paisagem que passa. Respiros de ar fresco mantêm a maré crescente de náusea sob controle. Mesmo sendo primavera, os dias estão chuvosos e encobertos. Às vezes, passam por campos fervilhando de flores primaveris, e Lale sorri sozinho. Flores. Aprendera muito jovem com sua mãe que as mulheres as amavam. Quando seria a próxima vez que poderia dar flores a uma garota? Ele as observa, as cores brilhantes reluzindo diante dos olhos, campos inteiros de papoulas dançando na brisa, uma massa escarlate. Promete que as próximas flores que dará a alguém serão colhidas por ele. Nunca lhe ocorreu que crescessem em tamanha quantidade naturalmente. Sua mãe tinha algumas no jardim, mas nunca as colhia e trazia para dentro de casa. Começa uma lista na cabeça de coisas a fazer “Quando eu chegar em casa...”.

Outra briga irrompe. Socos. Gritos. Lale não consegue ver o que está acontecendo, mas sente os corpos se contorcendo e empurrando. Então, veio o silêncio. E da penumbra, as palavras:

— Você o matou.

— Desgraçado sortudo — alguém murmura.

*Pobre coitado.*

*Minha vida é boa demais para terminar nesta latrina.*

Há muitas paradas durante a viagem, algumas duram minutos, outras, horas, sempre fora de uma cidade ou vilarejo. Às vezes, Lale tem vislumbres do nome das estações quando passam a toda velocidade: Zwardoń, Dziedzice e, pouco depois, Dankowice, confirmando que estavam na Polônia. A pergunta que não se cala: onde pararão? Lale passa a maior parte do tempo da viagem perdido em pensamentos sobre sua vida em Bratislava: seu trabalho, seu apartamento, seus amigos – suas amigas em especial.

O trem para de novo. Está um breu; as nuvens bloqueiam completamente a lua e as estrelas. A escuridão anuncia seu futuro? *As coisas são como são. O que posso ver, sentir, ouvir e cheirar agora.* Ele vê apenas homens como ele, jovens e em uma jornada ao desconhecido. Ouve o roncar de estômagos vazios e o rascar de gargantas secas. Sente cheiro de mijo e merda e o odor de corpos que não se lavam há tempos. Os homens aproveitam que não estão sendo sacudidos para descansar sem a necessidade de empurrar e se acotovelar por um pedaço de chão. Mais de uma cabeça repousa sobre Lale agora.

Ruídos altos vêm de alguns vagões lá atrás e aos poucos se aproximam. Os homens lá se cansaram e estão tentando uma fuga. Os sons de homens jogando-se contra as laterais de madeira do vagão e o barulho do que deve ser um dos baldes de merda acordam todo mundo. Logo todos os vagões entram em erupção, atacados de dentro para fora.

— Ajude ou saia da frente — um homem grande grita para Lale enquanto ele se joga contra a lateral.

— Não desperdice sua energia — retruca Lale. — Se essas paredes pudessem ser quebradas, não acha que uma vaca já teria feito o serviço?

Vários homens interromperam seus esforços, virando-se furiosamente na sua direção.

Eles processam seu comentário. O trem avança. Talvez aqueles que estão no comando tenham decidido que o movimento vai parar a agitação. Os vagões acalmam-se. Lale fecha os olhos.

Lale voltou à casa dos pais, em Krompachy, Eslováquia, acompanhando as notícias de que judeus em cidades pequenas estavam sendo presos e transportados para trabalhar para os alemães. Sabia que fazia tempo que os judeus não tinham mais permissão para trabalhar e que suas empresas haviam sido confiscadas. Por quase quatro semanas ajudou em casa, consertando coisas com seu pai e seu irmão, construindo camas novas para os sobrinhos que já não cabiam nos berços. Sua irmã era a única na família com uma renda, como costureira. Tinha que sair para o trabalho em segredo antes do amanhecer e voltar depois do anoitecer. Sua chefe estava disposta a assumir o risco por sua melhor funcionária.

Uma noite, ela voltou para casa com um cartaz que mandaram sua chefe pendurar na vitrine da loja. Exigia que toda família judia entregasse um filho com idade a partir de dezoito anos para trabalhar para o governo alemão. Os boatos, rumores sobre o que estava acontecendo nas cidades, finalmente chegaram a Krompachy. Ao que parecia, o governo eslovaco estava se submetendo ainda mais a Hitler, entregando o que ele quisesse. O cartaz advertia em letras garrafais que se alguma família tivesse um filho nessas condições e não o entregasse, a família inteira seria levada a um campo de concentração. Max, irmão mais velho de Lale, disse imediatamente que iria. Max tinha mulher e dois filhos pequenos, que precisavam dele em casa.

Lale apresentou-se ao departamento governamental local em Krompachy, oferecendo-se para a deportação. Os oficiais com quem ele lidou eram seus amigos – tinham frequentado a escola juntos e conheciam as famílias uns dos outros. Disseram para Lale ir até Praga apresentar-se às autoridades adequadas e esperar mais instruções.

\* \* \*

Depois de dois dias, o trem de gado para de novo. Dessa vez há um grande tumulto do lado de fora. Cachorros latem, gritam-se ordens em alemão, parafusos se soltam, as portas dos vagões se abrem com estrépito.

— Desçam do trem, deixem seus pertences! — gritam os soldados. — Vamos, vamos, rápido! Deixem suas coisas no chão!

Como estava do outro lado do vagão, Lale é um dos últimos a sair. Aproximando-se da porta, vê o corpo do homem morto no confronto. Fechando os olhos dele, registra a morte do homem com uma oração rápida. Em seguida, sai do vagão, mas leva consigo o fedor que cobre suas roupas, sua pele, cada fibra de seu ser. Caindo de joelhos dobrados, ele espalma as mãos no cascalho e fica agachado por vários momentos. Arfando. Exausto. Dolorosamente sedento. Levanta-se devagar, olha ao redor para as centenas de homens assustados que estão tentando compreender a cena à sua frente. Cães atacam e mordem aqueles que são mais lentos. Muitos tropeçam, os músculos das pernas recusam-se a funcionar depois de dias sem uso. Malas, pacotes de livros, posses miseráveis são arrancados daqueles que não querem largá-los ou simplesmente não entendem as ordens. São atingidos por um fuzil ou um punho cerrado. Lale examina os homens de uniforme. Preto e ameaçador. Os raios gêmeos brilhantes no colarinho de seus casacos informam a Lale com quem está lidando. A SS. Em circunstâncias diferentes, talvez apreciasse a alfaiataria, a elegância do tecido, o ajuste do corte.

Ele põe a mala no chão. *Como vão saber que esta é a minha?* Com um arrepio, percebe que é improvável que veja a mala ou o seu conteúdo de novo. Ele leva a mão ao coração, ao dinheiro escondido no bolso da jaqueta. Olha para o céu, respira o ar fresco, frio, e lembra ao menos que está ao ar livre.

Um tiro é disparado, e Lale tem um sobressalto. Diante dele está um oficial da SS com uma arma apontada para cima.

— Mexa-se.

Lale olha para o trem vazio. Roupas esvoaçam e livros abrem suas páginas. Vários caminhões chegam, e garotinhos descem deles. Eles

agarram os pertences abandonados e os jogam dentro dos caminhões. Um peso instala-se sobre os ombros de Lale. *Desculpe, mumma, eles levaram seus livros.*

Os homens arrastam-se na direção dos prédios altos de tijolos de um rosa sujo, com janelas panorâmicas. Árvores ladeiam a entrada, carregadas com as flores primaveris. Enquanto Lale atravessa os portões de ferro, olha para cima e lê as palavras alemãs forjadas no metal.

### ARBEIT MACHT FREI

#### *O trabalho liberta*

Ele não sabe onde está ou que trabalho esperam que ele faça, mas a ideia de que esse trabalho o libertará dá a impressão de ser uma piada de mau gosto.

SS, fuzis, cães, seus pertences levados – isso ele não foi capaz de imaginar.

— Onde estamos?

Lale vira-se e encontra Aron ao seu lado.

— No fim da linha, eu diria.

Aron abaixa a cabeça.

— Só faça o que lhe disserem e ficará bem. — Lale sabe que não soa extremamente convincente. Dá a Aron um sorriso rápido, que é correspondido. Em silêncio, Lale diz a si mesmo para aceitar seu conselho: *Faça o que lhe disserem. E sempre observe.*

Assim que entram no complexo, os homens são encurralados em fileiras retas. À frente da fila de Lale há um prisioneiro com o rosto escoriado sentado a uma mesa pequena. Usa uma jaqueta e calças de listras verticais azuis e brancas com um triângulo verde no peito. Atrás dele está um oficial da SS com um fuzil em riste.

Nuvens pairam. Um trovão distante estronda. Os homens aguardam.

Um oficial sênior acompanhado por uma escolta de soldados chega à frente do grupo. Tem o queixo quadrado, lábios finos e olhos

cobertos por sobrancelhas pretas espessas. Seu uniforme é simples em comparação ao daqueles que o guardam. Não há raios brilhantes. Sua postura mostra claramente que ele está no comando.

— Bem-vindos a Auschwitz.

Descrente, Lale ouve as palavras que saem de uma boca que mal se move. Foi forçado a sair de sua casa e transportado como um animal, agora está cercado por oficiais da SS fortemente armados e é saudado com boas-vindas!

— Sou o comandante Rudolf Hoess. Estou no comando aqui em Auschwitz. Os portões pelos quais os senhores acabaram de entrar diz “O trabalho liberta”. Essa é sua primeira lição, a única lição. Trabalhem duro. Façam o que lhes disserem para fazer e sairão livres. Desobedeçam, e haverá consequências. Os senhores serão registrados aqui e depois levados a seu novo lar: Auschwitz Dois – Birkenau.

O comandante examina o rosto de todos. Começa a dizer algo, mas é interrompido por um grande estrondo de trovão. Olha para o céu, murmura algumas palavras entredentes, faz um gesto de dispensa para os homens e se vira para sair. O espetáculo acaba. Sua escolta apressa-se para acompanhá-lo. Uma demonstração desajeitada, mas ainda assim ameaçadora.

O registro começa. Lale observa como os primeiros prisioneiros são empurrados na direção das mesas. Ele está longe demais para ouvir a conversa rápida, consegue apenas ver quando os homens de pijama que estão sentados anotam as informações e entregam a cada prisioneiro um pequeno recibo. Finalmente, é a vez de Lale, que fornece seu nome, endereço, ocupação e nome dos pais. O homem envelhecido à mesa escreve as respostas de Lale em uma caligrafia bonita, floreada, e lhe entrega um pedaço de papel com um número nele. Durante todo o processo, o homem não ergue a cabeça para fitar os olhos de Lale.

Lale olha o número: 32407.

Ele sai arrastando os pés com o fluxo de homens na direção de outro par de mesas, onde outro grupo de prisioneiros listrados porta o triângulo verde, e mais homens da SS estão a postos. Seu desejo

por água ameaça dominá-lo. Sedento e exausto, é surpreendido quando o pedaço de papel é arrancado de sua mão. Um oficial da SS puxa a jaqueta de Lale, rasga a manga da camisa e estende o antebraço esquerdo sobre a mesa. Ele encara, perplexo, quando os números 32407 são marcados em sua pele, um após o outro, pelo prisioneiro. O pedaço de madeira com uma agulha presa nele move-se rápida e dolorosamente. Em seguida, o homem pega um trapo mergulhado em tinta verde e esfrega com força sobre o ferimento de Lale.

A tatuagem levou apenas alguns segundos, mas o choque de Lale faz o tempo parar. Ele segura o braço, encarando o número. *Como alguém pode fazer isso a outro ser humano?* Ele imagina se, pelo resto da vida, seja ela curta ou longa, ele será definido por este momento, este número irregular: 32407.

Um cutucão do cabo de um fuzil interrompe o transe de Lale. Ele recolhe a jaqueta do chão e cambaleia para a frente, seguindo os homens à frente até um grande prédio de tijolos com bancos ao longo das paredes. Lembra-o do ginásio na escola em Praga, onde dormiu por cinco dias antes de iniciar sua jornada até ali.

— Tire a roupa.

— Mais rápido, mais rápido.

O SS grita ordens que a maioria dos homens não consegue entender. Lale traduz para aqueles que estão próximos, que passam a palavra adiante.

— Deixem as roupas no banco. Elas estarão aqui depois que vocês tiverem tomado seu banho.

Logo o grupo está tirando calças e camisas, jaquetas e sapatos, dobrando as roupas sujas e deixando-as organizadas nos bancos.

Lale fica contente com a perspectiva de ter água, mas provavelmente não verá as roupas de novo, nem o dinheiro que está dentro delas.

Ele tira as roupas e as deixa no banco, mas a indignação ameaça tomá-lo. Do bolso da calça ele retira um estojo pequeno de fósforos, uma lembrança de prazeres passados, e olha de soslaio para o oficial mais próximo. O homem não está olhando. Lale risca um fósforo.

Talvez seja seu último ato de livre e espontânea vontade. Ele segura o fósforo contra o forro da jaqueta, cobre-a com as calças e corre para se juntar à fileira de homens nos chuveiros. Atrás dele, em segundos, ele ouve os gritos de “Fogo!”. Lale olha para trás, vê homens nus se empurrando e se acotovelando para sair da frente enquanto um oficial da SS tenta extinguir as chamas.

Ele ainda não chegou aos chuveiros, mas está trêmulo. *O que eu fiz?* Ele passou vários dias dizendo a todos ao redor para manter a cabeça baixa, obedecer, não enfrentar ninguém, e agora ele foi e iniciou um maldito incêndio dentro do prédio. Resta pouca dúvida sobre o que aconteceria se alguém o apontasse como o incendiário. *Estúpido. Estúpido.*

No bloco dos chuveiros, ele se tranquiliza, respirando profundamente.

Centenas de homens trêmulos estão em pé, ombro a ombro, enquanto a água fria cai sobre eles. Inclina a cabeça para trás e bebem-na desesperados, apesar do sabor rançoso. Muitos tentam diminuir a vergonha cobrindo os genitais com as mãos. Lale lava o suor, a sujeira e o fedor do corpo e dos cabelos. A água sibila através dos canos e bate no chão. Quando cessa, as portas do vestiário se reabrem e, sem comando, eles voltam para o que agora substituíam suas roupas – velhos uniformes do Exército russo e botas.

— Antes de se vestirem, os senhores precisam passar no barbeiro — diz aos homens um oficial da SS com um sorriso forçado. — Para fora... depressa.

Mais uma vez, os homens entram em fila. Eles se movem na direção dos prisioneiros que estão a postos com uma navalha. Quando é a vez de Lale, ele se senta na cadeira com as costas retas e a cabeça apumada. Observa os oficiais da SS caminhando pela fila, atacando prisioneiros nus com o cabo de suas armas, lançando insultos e gargalhadas cruéis. Lale fica mais empertigado e ergue a cabeça mais alto enquanto seu cabelo é reduzido a um restolho, sem se retrair quando a navalha corta seu couro cabeludo.

Um empurrão nas costas dado por um oficial indica que ele está pronto. Ele segue a fileira até o vestiário, onde se junta à busca por roupas e sapatos de madeira do tamanho correto. Os que estão ali estão sujos e manchados, mas ele consegue encontrar sapatos que mais ou menos servem e torce para que o uniforme russo que pega também sirva. Depois de vestido, ele sai do prédio, conforme foi instruído.

Está escurecendo. Ele caminha pela chuva, mais um entre os incontáveis homens, pelo que lhe parece um longo período. A lama, cada vez mais grossa, dificulta erguer os pés, mas ele se arrasta com determinação. Alguns homens se esforçam ou caem de quatro, e são espancados até se levantarem. Caso não se levantem, são alvejados.

Lale tenta desgrudar o uniforme pesado e imundo da pele, que coça e irrita. Como se não bastasse, o cheiro de lã molhada e a sujeira trazem de volta as lembranças do trem de gado. Lale olha para o céu, tentando engolir o máximo de chuva que consegue. O sabor doce é a melhor coisa que experimenta em dias, a única coisa de que desfruta em dias, a sede agravando sua fraqueza, turvando a visão. Ele engole tudo, juntando as mãos ele suga em desespero. A distância, ele vê holofotes cercando uma área vasta. Seu estado semidelirante faz com que pareçam faróis reluzindo, dançando na chuva, mostrando-lhe o caminho para casa. Chamando, *Venha até mim, vou lhe dar abrigo, calor e alimento. Continue andando.* Mas, ao passar pelos portões, estes sem nenhuma mensagem, sem oferecer um acordo, sem promessa de liberdade em troca de trabalho árduo, Lale percebe que a miragem brilhante desapareceu. Está em outra prisão.

Além daquele pátio, mergulhado na escuridão, há outro complexo. No alto das cercas corre o arame farpado. Lá em cima, nas torres de vigilância, Lale vê os SS apontando fuzis em sua direção. Relâmpagos atingem uma cerca próxima. *São eletrificadas.* O trovão não é alto o suficiente para abafar o som de um tiro, outro homem caído.

— Conseguimos.

Lale vira-se para ver Aron abrindo caminho até ele. Encharcado, desgrenhado. Mas vivo.

— Sim, parece que estamos em casa. Você está acabado.

- Você não se viu. Considere que sou um espelho.
- Não, obrigado.
- E agora, o que vai acontecer? — pergunta Aron, parecendo uma criança.

Acompanhando o fluxo constante de homens, eles mostram o braço tatuado para um oficial da SS que registra o número em uma prancheta, diante de um prédio. Depois de um empurrão vigoroso nas costas, Lale e Aron chegam ao Bloco 7, um barracão grande com treliches em uma parede. Dezenas de homens são forçados a entrar no prédio. Eles cambaleiam e se empurram, abrindo caminho para reclamar um espaço. Se tiverem sorte ou forem agressivos o bastante, poderão compartilhar com apenas um ou dois outros prisioneiros. A sorte não está no lado de Lale. Ele e Aron escalam um treliche até o alto, já ocupado por outros dois prisioneiros. Sem comida por dias, não resta neles muita força para brigar. Lale enrola-se o melhor que pode no saco cheio de palha que faz as vezes de colchão. Ele pressiona as mãos sobre a barriga, tentando diminuir as cólicas que invadem suas entranhas. Vários homens gritam para os guardas:

— Precisamos de comida.

Eles respondem:

— Vão receber alguma coisa pela manhã.

— Estaremos mortos de fome pela manhã — diz alguém no fundo do bloco.

— E em paz — acrescenta uma voz fraca.

— Esses colchões têm feno dentro deles — diz outra pessoa. — Talvez devêssemos continuar agindo como gado e comê-lo.

Poucas risadas baixas. Nenhuma resposta do oficial. E, então, do fundo do dormitório, um hesitante:

— Muuuuuuuu...

Gargalhadas. Discretas, mas reais. O oficial, presente, mas invisível, não interrompe, e os homens acabam dormindo com o estômago roncando.

Ainda está escuro quando Lale acorda, precisando mijar. Ele passa sobre os colegas que dormem, desce até o chão e tateia até o fundo do bloco, pensando que talvez fosse o lugar mais seguro para se aliviar. Ao se aproximar, ele ouve vozes: em eslovaco e alemão. Fica aliviado ao ver que há um reservado, mesmo que rudimentar, para eles cagarem. Longas valas correm atrás do prédio com tábuas postas sobre elas. Três prisioneiros estão sentados sobre a vala, cagando e falando baixinho um com o outro. Da outra ponta do prédio, Lale vê dois SS aproximando-se na penumbra, fumando, rindo, os fuzis pendendo soltos às costas. Os holofotes que piscam no perímetro criam sombras perturbadoras deles, e Lale não consegue entender o que estão dizendo. Sua bexiga está cheia, mas ele hesita.

Juntos, os oficiais jogam os cigarros no ar, erguem os fuzis e abrem fogo. Os corpos dos três que estavam cagando são lançados para trás, dentro da vala. A respiração de Lale fica presa na garganta. Ele pressiona as costas contra o prédio quando os oficiais passam por ele e vê o perfil de um deles: um garoto, só um moleque maldito.

Quando desaparecem na escuridão, Lale faz uma promessa a si mesmo. *Vou sobreviver e sair deste lugar. Vou sair daqui como um homem livre. Se o inferno existir, vou ver esses assassinos queimarem nele.* Ele pensa na família em Krompachy e torce para que sua presença ali ao menos os esteja salvando de um destino semelhante.

Lale alivia-se e volta à treliche.

— O que foram aqueles tiros? — pergunta Aron.

— Não vi.

Aron joga a perna sobre Lale quando tenta descer do treliche.

— Aonde você vai?

— Mijar.

Lale estende a mão até a lateral da cama e agarra a mão de Aron.

— Espere.

— Por quê?

— Você ouviu os tiros — diz Lale. — Espere até amanhecer.

Aron não diz nada, volta para a cama e se deita, os punhos cerrados apertando a virilha com medo e resistência.

Seu pai estava pegando um cliente da estação de trem. O sr. Sheinberg preparou-se para se levantar elegantemente na carruagem enquanto o pai de Lale deixava sua fina mala de couro no assento oposto. De onde ele vinha? Praga? Bratislava? Talvez de Viena? Usando um terno de lã caro, seus sapatos recém-polidos, ele sorriu e falou por um instante com o pai de Lale enquanto ele subia à frente. Seu pai atçou o cavalo para seguir em frente. Como a maioria dos outros homens que o pai de Lale transportava em seu serviço de táxi, o sr. Sheinberg estava voltando para casa vindo de negócios importantes. Lale queria ser como ele em vez de ser como seu pai.

O sr. Sheinberg não estava com sua mulher naquele dia. Lale amava olhar para a sra. Sheinberg e para outras mulheres que viajavam na carruagem de seu pai, as mãos pequenas cobertas por luvas brancas, os brincos elegantes de pérolas combinando com os colares. Amava as mulheres belas com roupas e joias finas que, às vezes, acompanhavam homens importantes. A única vantagem de ajudar seu pai era abrir a porta para elas, tomar suas mãos enquanto as ajudava a descer, sentir seu perfume, sonhar com a vida que levavam.